

*“The powers not delegated to the United States by the Constitution, nor prohibited by it to the states, are reserved to the states respectively, or to the people.” (10º Emenda da Constituição Americana, 15 dezembro de 1791)*

*“When somebody is the president of the United States, the authority is total.” (Donald Trump, 13 de abril de 2020)*

Caro cliente da Foster,

Foi utilizando o princípio da 10º emenda da constituição americana, a qual reforça o conceito do federalismo – poder dos estados em tomar decisões que cabem a eles – que os governadores americanos disseram esta semana para o Donald Trump que não seria o presidente quem decidiria quando a economia americana irá reabrir para negócios. No Brasil, não é diferente. O STF decidiu, por unanimidade, que os governadores e prefeitos possuem o poder legal para adotar medidas na luta contra o COVID-19, incluindo o tempo de isolamento social em suas respectivas regiões.

Muitos governadores americanos já detalharam que só irão reabrir suas economias quando tiverem capacidade de realizar testes em massa na população e, ao mesmo tempo, quando o número de leitos em UTI nos hospitais for suficiente, mesmo considerando uma possível segunda onda de contaminação. O processo será gradual mesmo, e não tem como ser diferente.

O plano é de permitir primeiramente a retomada de setores com pouca aglomeração de pessoas, tal como o setor manufatureiro. As empresas terão que estabelecer processos para evitar novos contágios, como por exemplo a medição da temperatura dos empregados e a realização periódica de testes. Seguindo o processo, teríamos a reabertura das creches e das escolas para permitir que os pais tenham onde deixar os seus filhos. Uma discussão sobre a liberdade individual pode surgir nesse ínterim, pois sabemos que a Apple e a Google estão desenvolvendo em parceria um aplicativo para rastrear quais pessoas tiveram contato com uma pessoa infectada.

O setor de serviços deverá sofrer mais. Restaurantes, bares, teatro, cinemas, shows e eventos esportivos. O setor de turismo (hotéis, aviação, cruzeiros), levará um longo tempo para voltar a condição de normalidade. Infelizmente esse setor emprega muitas pessoas no mundo inteiro.

No campo econômico o Fundo Monetário Internacional (FMI) divulgou suas projeções para o crescimento econômico mundial. Incrível pensar que em janeiro o FMI projetava um crescimento de 3% em 2020 e agora, apenas três meses depois, revisou para uma contração de 3%. No Brasil, que começou o ano como uma das grandes apostas de aceleração no crescimento do PIB entre diversos países no mundo, os economistas seguem revisando fortemente o crescimento. Começamos o ano esperando aumento de PIB de 2,5% e hoje vemos projeções de uma contração entre 3% e 5%.

Essa mudança drástica impacta o fluxo futuro dos lucros corporativos, com alguns setores sofrendo mais do que outros. A visibilidade econômica é praticamente zero. Os dois maiores receios dos investidores são: (i) uma nova onda de contaminação nos países desenvolvidos e (ii) alguma crise de crédito provocada por um período maior de *lockdown* que poderia causar perdas em ativos de crédito privado.

O ex-presidente do Banco Central americano (Fed), Ben Bernanke, disse essa semana que o apoio político na Grande Crise em 2008/09 era muito pequeno no Congresso porque na época se tratava de salvar os bancos. Hoje temos um inimigo em comum, o vírus, e portanto deveremos ter mais medidas de gasto público para amenizar a perda de renda das pessoas e de receita das empresas.

Nos mercados financeiros a semana termina em tom positivo. Os investidores internacionais e locais seguem comprando ações e outros ativos de risco à medida que os dados sobre novas contaminações e mortes provocadas pelo COVID-19 arrefecem em Nova Iorque e na Europa. Nos Estados Unidos tivemos ainda uma revisão para baixo na projeção do governo sobre o total de mortes esperadas nos próximos meses. Sem dúvida, uma boa notícia. O Ibovespa já recuperou 27% desde o patamar mínimo atingido no dia 19 de março e os índices de ações americanos S&P500 e Nasdaq apresentam perdas inferiores a 8% no ano. Empresas do setor de tecnologia (Facebook, Amazon, Apple, Netflix, Google e Microsoft) sobem em média 4% no ano beneficiadas pelo aumento da demanda esperada pelos seus serviços.

No fim do dia, essa dinâmica nos mercados financeiros reforça o que sempre pregamos para nossos clientes: o único almoço de graça que existe é a diversificação, tendo portfólio com diferentes estratégias (Renda Variável, Dólar, Multimercados Macro, Quantitativos, *Long & Short*, *Commodities*) e com diversificação geográfica. A alocação internacional permite o acesso a setores da economia que não existem de forma expressiva na Bolsa brasileira (exemplo: Tecnologia) e diminui a importância de acertar se a recuperação econômica no Brasil será na mesma velocidade e intensidade do que no restante do mundo. Reforçamos a importância desse processo.

Um grande abraço,

Equipe Foster